

A. N. T.

**Dispensário Anti-tubercu-
loso de Barcelos**



RELATÓRIO DO ANO DE 1937



))
4.4(469.12)(047.3)
S

A. T. M. A.

CHURCH OF THE HOLY TRINITY

100 N. 10th St. St. Paul, Minn.

WEDNESDAY

REPLY TO THE ABOVE LETTER



Embora autorizada, há um mês já, muito de propósito retardamos a publicação dêste relatório. É que gostaríamos que nele se arquivasse como nota importante da vida duma instituição que em Barcelos vai ainda em começo, a notícia duma homenagem que, para muito breve, de longe se projectava.

Era nosso desejo, por ocasião do 1.º aniversário dêste estabelecimento da A. N. T., merecida consagração prestar ao barcelense Doutor Manuel Maria da Costa Leite, médico ilustre e um dos mais distintos directores da antiga Escola Médica do Porto. Porém, circunstâncias estranhas a Barcelos e à nossa vontade, não permitem que tal intento seja levado a cabo, por agora.

Do tempo do Doutor Manuel Maria (Visconde de Oliveira), nas lides escolares da antiga Escola portuense, um único português sobrevive ainda, por fortuna — o venerando e sábio professor Doutor Ricardo Jorge, que ainda há meses, num trabalho curiosíssimo e referindo-se aos saudosos colegas com quem primeiro trabalhou, tam comovedoramente dizia assim: «Procissão de mortos, um único resta apenas na procissão dos moribundos».

Muito se orgulhará Barcelos — com acêrto pensamos — conseguindo-se que àquela modesta festa caseira, adiada agora por algum tempo, se associasse — para ela escrevendo algumas palavras — o notavel cientista lusi-

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 65214

Barahiana

tano a quem, para tal fim, há pouco nos dirigimos.

A resposta, que com uma carta nossa a seguir transcrevemos, dá conta da amabilíssima promessa do Mestre, que Barcelos inteiro deve conhecer, tam honrosa para Barcelos ela é.

Barcelos,

Fevereiro de 1938.

Querido Mestre:

Um modestíssimo médico de Barcelos, saído vai para 14 anos da Escola do Porto, bate hoje à porta do Mestre. É pois um desconhecido e, certamente, um importuno também o que—por amor e respeito aos grandes da sua terra—nesta hora a uma ousadia se presta. Que a paciência de V. Ex.^a tudo perdôe ante a intenção, que se julga simpática, do pobre barcelense e médico que estas linhas assina.

Faz um ano, no próximo mês de Março, que em Barcelos se abriu um Dispensário Anti-tuberculoso, de que sou director. A este pequeno estabelecimento da Assistência Nacional aos Tuberculosos, por ocasião do primeiro aniversário gostaria eu que fôsse dado o nome de um médico, de preferência filho desta vila muito nobre e velhinha a que hoje, — não sei bem para quê — chamam cidade de Barcelos.

Sem custo, evidentemente, topei depressa com o nome de Manuel Maria da Costa Leite. À entrada do Dispensário, em azulejo regional

MUNICÍPIO DE BARCELLOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.º 85214

desenhado, colocar-se-há pois, em breve, um pequeno rectângulo com estes dizeres: «Dispensário Visconde de Oliveira».

A minha lembrança, que Barcelos inteiro por certo aplaudirá, espero que venha a ter, também, a aprovação de V. Ex.^a. Espero, e com razão. Ainda há pouco, ao reler um trabalho de V. Ex.^a, que para o «Portugal Médico» escreveu por ocasião do centenário da Escola do Porto, eu reparei no carinho com que se referia a Manuel Maria da Costa Leite: «era-me apaixonadamente afeiçoado como pai que fôsse». E é esta veneração de V. Ex.^a— Mestre entre os maiores Mestres—que com tanta nobreza no trabalho referido se descobre, que me leva talvez atrevidamente, nesta ocasião, ao Campo de Sant'Ana.

Para o primeiro aniversário do Dispensário de Barcelos, que daquele modo se deseja comemorar, algumas palavras sôbre o Visconde de Oliveira venho pedir a V. Ex.^a: grande fortuna para Barcelos e, para mim, honra que não mereço e que jamais esquecerei, generosamente consentindo que as leia à gente da minha terra e suas autoridades.

Quando primitivamente em tal homenagem pensei, procurei saber quem me deveria acompanhar nesta jornada de agora.

Vir só, como o faço com esta carta, julguei empresa delicada de mais para mim. Porém, pessoas que melhor conhecem V. Ex.^a, e habituadas já a palmilhar do mesmo modo tal caminho, deram-me coragem. E aqui está, e ti-

midamente aqui deixa o pedido perante o Mestre,

que respeitosamente cumprimenta, o admirador de sempre e discípulo muito grato

Adélio Marinho

Lisboa, 4-3-38

Ex.^{mo} Colega:

Não imagine que não prestei atenção ou esqueci a sua nobre e bela carta. Tenho uma vida trabalhosa e ainda por cima tem-me faltado saúde para dar conta dela como queria. Esses incomodos agora sobrevindos retardaram esta resposta.

O bom do Manuel Maria amava-me como se fôra meu pai. Ainda agora o escrevi, na frase que cita, e que o filho me confirmou. Devo louvores á sua memória. Muito estimo que alguém na sua terra natal se lembrasse do seu nome e que esse alguém seja um medico, que deseja honrar com ele uma instituição prestimosa.

Que eu faça algumas palavras para esse acto? Não direi que não. Apenas ponho como condição que a saude me deixe.

Quando é essa consagração? Tudo depende da data.

*Cumprimentos sinceros do
Colega e Amigo*

Ricardo Jorge

A. N. T.

**Dispensário Anti-tubercu-
loso de Barcelos**

DR. ALBANO CASTELO BRANCO

SECRETÁRIO GERAL DA A. N. T.

RELATÓRIO DO ANO DE 1937

As Ex.^{mas} Senhoras

Doutor Amílcar de Figueiredo

of.º, com muita consideração,

Albano Castelo Branco

« »

A luta anti-tuberculosa carece de propaganda de toda a espécie, de incitamento, de profilaxia e de auxílio.

Ora é dizendo alto o que se faz e o que é preciso fazer-se, o que se possui e o que é necessário possuir, que a atenção e até a simpatia do público recairá sobre o Dispensário, uns para o socorrer, outros para se socorrerem d'ele».

DR. ALBANO CASTELO BRANCO

SECRETÁRIO GERAL DA A. N. T.

(Dum officio dirigido ao Dispensário de Barcelos, aprovando a publicação do presente relatório).

A' pequena comunidade local das Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas; Doutor Carlos Fernandes, ilustre Director do Dispensário Anti-tuberculoso, de Braga; e Comissão Administrativa da Junta de Província do Minho,

= que com o seu muito saber e carinhosas atenções, tornaram possível em grande parte o pouco que fizemos, nesta Terra, em nome da patriótica instituição da Assistência Nacional aos Tuberculosos =

aqui prestamos, com sinceridade, respeito e simpatia, tôda a nossa homenagem.

Janeiro de 1938

ADÉLIO CARVALHO MARINHO DA SILVA

DIRECTOR DO DISPENSÁRIO DE BARCELOS

A' prezenta comunidade local das Franças
e Casas Hospitalares Portuguezas Doutor Carlos
Fernandes, mestre Director do Dispensario
Antituberculoso de Bazar e Conselho Administrativo
da Junta de Profecto do Minho,

— que com o seu muito saber e carinhosas atenções, for
tamente possível, em grande parte o pouco que firmos
na Terra, em nome da patética instituição da Associação
Nacional dos Tuberculosos —

agora prestamos, com sinceridade, respeito e
simpatia, toda a nossa homenagem.

1938 de Janeiro

ADÉLIO CARVALHO MARINHO DA SILVA

DIRECTOR DO DISPENSARIO DE BAZAR

Sobretudo utilizar e aconselhar medidas de indispensável profilaxia; prestar ainda — certamente dentro de certos limites — apreciáveis socorros terapêuticos, tais são, entre outros, os principais fins do Dispensário. E porque nêles se resumiu, e por certo um tanto pobremente por enquanto, tôda a nossa actividade, dêles vamos falar ao tentar descrever, nestas poucas folhas, o que foi possível fazer em nove meses no Dispensário Anti-tuberculoso de Barcelos.

Sobretudo nutrir e aconselhar medidas de higiene
sável prolixas; prestar ainda — certamente dentro de cer-
tos limites — serviços socorros terapêuticos, tais são,
entre outros, os principais fins do Dispensário. E porque
nêles se resumiu, e por certo um tanto pobremente por
quanto, toda a nossa actividade, dêtes vamos fazer ao
leitor descrever essas poucas folhas, o que foi possível
fazer em nove meses no Dispensário Anti-tuberculoso de
Barcelona.

Profilaxia

Ao falarmos de profilaxia, não indicaremos apenas o que a tal respeito nos foi possível fazer; mas, também, o que se virá ou queria fazer, superiormente melhoradas um dia, como esperamos, as condições do nosso trabalho. E' dever nosso, que da maneira como actuamos vimos dar satisfação, apontar dentre todas as maiores contrariedades, permanentemente brigando com os nossos esforços. E isso faremos, sempre que venha a propósito, no decorrer desta nossa descrição.

E' certo, que actuar como se desejaria, num concelho como o de Barcelos — o de maior área em todo o Minho e o terceiro talvez em população — constituiria, sem duvida, brilhante tarefa, mas impraticavel por muitos motivos. Há que desviar, na verdade, tam notavel aspiração para um futuro bastante distante. Contentemo-nos, por agora, e ainda que um pouco ingenuamente, em confiar no tempo e no patriotismo de todos, porque de todos deve esperar, e de todos precisa, a Obra eminentemente patriótica da A. N. T..

Mas se, por impossivel agora, nem o «optimo» nem o «bom» se podem atingir, que, ao menos, o «regular» não seja modesta esperança condenada a morrer.

Gostariamos, na verdade, — e nesse sentido procuramos trabalhar, — que alguma coisa de muito util se fizesse na sede do concelho e freguesias que, mais de perto, a circundam. Para isto mesmo, que já era muito, não são no-

tavelmente propícias, ainda, as condições com que se luta. Faz-se sentir, por exemplo, a falta de pessoal. Com um médico, uma enfermeira apenas é, na verdade, gente de menos para de tanta coisa e tanta gente cuidar...

Sem desânimo, porém, esforçamo-nos por atenuar, ao máximo, as mil contrariedades que nos rodeiam. E esperamos, confiados, que em breve a nossa acção não se limite, quasi apenas, a ver, vigiar, educar e tratar doentes que muito voluntariamente nos procuram. Se por si só, actualmente, o Dispensário não pode como lhe competiria, procurar onde quer que estejam os que sofrem de tuberculose e os que, onde quer que estejam também, com alguma razão nesta doença um dia possam vir a cair, algum auxílio para tal fim se deverá esperar do distinto corpo médico desta região. A êle nos dirigimos já para que, sob a orientação do Dispensário, possa a tempo e com proveito para todos encaminhar, até aqui, os seus doentes pobres, merecedores dos cuidados da Assistência Nacional aos Tuberculosos. Parece que fomos ouvidos, e parece-me — com razão — que muito há a esperar de tal auxílio, se fôr até onde deve ir com perseverança e entusiasmo.

Tôda a nossa acção se tem exercido, pois, quasi exclusivamente, dentro do Dispensário. Sem esquecer os conselhos, amiúde repetidos que a todos damos,—e particularmente aos doentes de tuberculose aberta,—destinados a evitar a transmissão do bacilo de Koch, é hábito, que desde a primeira hora adoptamos, *a repetição freqüente dos exames médicos e laboratoriais, e a freqüente pesquisa da reacção à tuberculina.*

São alguma coisa elucidativos os números que, a êste propósito, vamos apontar. Sem falar naquêles que à primeira observação eram logo rejeitados, procuraram-nos, desde os princípios de Abril a 31 de Dezembro, 541 indivi-

duos de ambos os sexos, ficando aos cuidados do Dispensário dêste modo repartidos :

em observação	270
por profilaxia	160
por tuberculose	<u>111</u>
	541

Pois no período apontado e a esta gente, fizeram-se 1424 exames médicos e 149 análises. E a propósito das reacções à tuberculina, anda por 120 o seu número, havendo utilizado, para tal fim, o método do «adesivo», reacção percutânea que, pela primeira vez, vimos usar no Dispensário—Escola «Lopo de Carvalho», em Lisboa.

Só em creanças, onde ela mais útilmente dá indicações, foi feita aquela pesquisa da reacção à tuberculina. E é esta a altura, para apontar o interesse que nos tem merecido, embora nem sempre — por desleixo com certeza — convenientemente correspondido pelos pais, o exame sistemático dos muito novos. Porém, alguma coisa se fez já nêsse sentido, havendo conseguido que pelo Dispensário de Barcelos passassem, e em alguns casos por mais que uma vez, as creanças de algumas Escolas desta cidade: Crèche de Santa Maria, Recolhimento do Menino Deus e Escola do Largo 28 de Maio. Mais longe havemos de ir nêste propósito, tam grande é o seu alcance, se para tanto nos ajudarem, como esperamos, as dignas direcções das nossas Escolas e a bôa vontade das famílias.

Mas se para a observação e vigilância de quantos procuram o Dispensário muito concorre, na verdade, como já referimos, — *a repetição freqüente dos exames médicos e laboratoriais, e a freqüente pesquisa da reacção à tuberculina* — isso não basta. A estes meios de estudo há que acrescentar, e como muito importante, o exame radiológico; e dêste, pelo menos, o exame radioscópico. Até agora,

para o nosso estudo, limitamo-nos à requisição de 22 informações radioscópicas. E' pouco, sem dúvida.

Não queremos evidentemente cair no exagêro, às vezes propalado, de que sem o Raios X não se pode fazer nada, absolutamente nada. Não, alguma coisa se pode fazer, e disso é prova, por exemplo, o «nosso» Dispensário. Pensar daquêles modo, era quâsi negar qualquer utilidade, também em absoluto, àquêles outros meios de observação, ainda que manejados meticulosamente. Mas se tal exagêro para nós não faz lei, noutro não queremos cair, não menos injustificável.

O Raios X é necessário, é indispensável. A sua falta notável aqui a apontamos, e bem melhor que nós a apreciam quantos com muito saber de Lisboa dirigem, agora e de sempre, os serviço da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Além do que se disse, nota rápida de como temos agido e, ainda, de como gostaríamos de agir no que à profilaxia diz respeito, muito mais haveria a mencionar. Do que falta, e sempre exclusivamente à nossa modesta acção e a Barcelos devendo referir-se, algumas palavras queremos escrever, agora sôbre o B. C. G., a habitação do pobre, atribuições da Delegação de saúde e hospitalização dos doentes.

Queremos crêr, sem dúvida, que há exagêro ao julgar a vacina sempre ineficaz e, mais ainda, perigosa; mas muito discutível nos parece, em certas condições, o seu beneficio. Aponta-se com verdade, a tôda a hora verificada, que ela não confere uma imunidade imediata: algumas semanas são precisas, em geral, para alcançar o estado alérgico. Isto, certamente, pouco ou nada importa para aquêles que nascem e vivem em meios insuspeitos

de tuberculose. Mas quanto a outros, e quando nêsse tempo de espera não há possibilidade de afastar a creança da fonte de contágio, junto da qual nasceu, nada nos repugna acreditar, pelo menos, na inutilidade da vacina B.C.G.

À um só caso, por agora, a aplicamos, tendo-se mantido o recém-nascido longe dos pais, e isso até ao aparecimento duma cuti-reacção positiva. Assim a queremos utilizar, sem muito nos afastarmos, pois, duma técnica que mestres ensinam. E assim procedendo, com mais confiança em resultados bons que temos o direito de esperar, num grande à vontade a poderemos e vamos aconselhar. No próximo ano e em tais condições, a pouco e pouco conseguindo-se quebrar a ignorância e então o injustificável medo de muitos, é natural que tentaremos utilizar, mais largamente, a tam discutida vacina Calmette-Guérin.

O que se passa em Barcelos a propósito da habitação, é o que, com maior ou menor tragédia, se passa em qualquer parte. Nem vale a pena descrever, por sobejo conhecidas, as condições em que vive muita gente e a maioria dos tuberculosos pobres.

Perante tanta tristeza, que a esperança dum leve fio de sol parece suavizar desde já, nós preferimos — embora sem optimismos doentios — fixar ao de leve, neste relatório, propósitos que já se denunciaram ainda que discretamente, e que nos apressamos a aplaudir como médico e barcelense.

Em substituição de algumas dezenas de casas, — pequenas manchas sujas e disformes — onde nesta nossa terra linda e alegre, tanta gente e de muito cedo, aprende sem custo a morrer, outras casas esperamos que venham em breve, modestas casas naturalmente porque serão para

pobres, mas onde o ar e a luz possam entrar sem medo, a brincar.

Lares onde seja bom viver, e se aprenda sempre a viver, tal é a obra altamente simpática em que se pensa agora — ou deverá pensar, acrescentaremos nós. E felizes são, extraordinariamente felizes, os que se podem honrar, sobremaneira, executando-a em Barcelos para bem de muitos — diremos mesmo — para bem de todos nós.

*

A desinfecção do domicílio, vago pela saída ou morte dum doente pulmonar, é prática a que naturalmente ligamos bastante importância, e a A. N. T. a ela se refere nos Mapas mensais dos Dispensários. Em obediência a essas instruções, o nosso dever cumprimos participando à Delegação de saúde, em tais casos, a necessidade de urgentes e apropriadas medidas de profilaxia.

Sômos informados, porém, e pelo próprio Colega que dirige os serviços de saúde neste concelho, de que nada se poderá fazer — bem contra sua vontade — por falta de material. De importante que é, importa pensar neste assunto e dêle damos conhecimento, tam grave se nos afigura.

*

E para final do quanto julgamos dever dizer sôbre profilaxia, reservamos muito propositadamente o assunto da hospitalização, e as considerações que êle localmente sugere. Irrisório, certamente, encarecer aqui o papel importante que, na profilaxia da tuberculose, é atribuído à hospitalização dos doentes. Logo no alvorecer da actividade do Dispensário, a sério pensamos neste assunto, e fômos levados a supor, como hoje, que satisfatória solução se lhe poderia dar.

O Hospital da Misericórdia, pela sua grandeza e situação, podia, pelo que ao edifício se refere, suportar em óptimas condições o internamento de alguns doentes tuberculosos. Havendo passado há pouco por importantes melhoramentos, parte dos seus aposentos voltados a sul, juntos ao parque, e totalmente independentes das enfermarias que ficam instaladas a distância e em pavimento superior, a êsse fim se poderiam admiravelmente destinar. O resto, que para muitos seria o mais importante, com boa vontade se deveria resolver, na nossa opinião, desde que do natural e sagrado interesse do bem comum se aproximassem, como se deve esperar e dentro das suas possibilidades, o alto interesse da patriótica Comissão Executiva da A. N. T., da Câmara dêste concelho e Comissão Administrativa da Misericórdia. A lembrança aqui fica. Os aposentos em referência, não suportariam muitos doentes. Mas alguns bastavam para se poder fazer, desde já, obra bastante útil. Reservar-se-iam, sobretudo, para os doentes que tivessem de sujeitar-se à colapsoterapia, no Hospital permanecendo, pelo menos, o tempo bastante para se conseguir a cura bacteriológica. Dêste modo, uma grande parte dos mais importantes focos de contágio ir-se-iam atenuando a pouco e pouco, e os benefícios do pneumotorax poder-se-iam, sem dúvida, estender a mais doentes.

Porque vivem longe e mal, expostos a todos os contratempos, e sem o socêgo que a miséria explica e é causa, — a quantos doentes, por tais razões, deixamos de fazer o colapso pulmonar, precisamente o único meio terapêutico capaz, muitas e muitas vezes, de os salvar.

Suprema aspiração esta: salvar os doentes, e, ainda, quantos os rodeiam, pobres vítimas dum contágio que só a hospitalização e o pneumotorax, a horas, poderiam suprimir eficazmente, e às vezes em tam pouco tempo!

Tratamento

Por descabido neste relatório, de bem modesta condição, não vamos falar dos vários métodos terapêuticos e outros meios — alguns já apontados atrás, como a hospitalização — e que hoje conseguem melhorar os doentes pulmonares em proporções consideráveis. Algumas palavras só a propósito do que se fez, e do que se fez apenas o mais importante.

Seria interessante, talvez, mencionar aqui todos que nos procuraram e foram estudados, a terapêutica e sua influência sobre a doença, sintoma por sintoma. Isso nos levaria longe, útil propósito que reservaremos para futuros relatórios, se doutro modo os pudermos orientar. Para já, e desprezando todos os outros, esquemática referência faremos a seguir — por julgarmos necessária arquivá-la — quanto, apenas, aos resultados obtidos nos 111 indivíduos que em 1937 se inscreveram por tuberculose:

Curados — oito; muito melhorados — quinze; melhorados — vinte e seis; no mesmo estado — vinte e oito; peorados e incuráveis — treze; falecidos — doze; abandonaram o tratamento — nove.

Com estes doentes, e outros que no arquivo do Dispensário em diferente lugar se encontram, prestaram-se socorros vários que vão acima de duas centenas, e distribuíram-se 725 medicamentos. E quanto a injeções, deram-se 905, incluindo neste número 211 de sais de ouro.

Mas dentre tudo, e de todos os processos terapêuticos,

Justo é que aqui se mencione, pela muita importância que no tratamento da tuberculose representam hoje, o que se fez e conseguiu com a *crisoterapia*, o que se fez e conseguiu com a *colapsoterapia*. E' o que vamos tentar, e com isto fecharemos a descrição da nossa tarefa de alguns meses, no Dispensário Anti-tuberculoso da nossa terra.

*

Parecendo continuar desconhecida, ao certo, a maneira como os sais de ouro actuam, desconhecimento que teorias, ainda que brilhantes, não conseguiram atenuar, a verdade é que a auroterapia desempenha um papel importantíssimo no tratamento da tuberculose.

Fieis a esta ideia, tentamos espalhar ao máximo os benefícios desta terapêutica a quantos, merecendo-a, procuraram até 31 de Dezembro o pequeno Dispensário de Barcelos. Aparte os tuberculosos pulmonares, a quem nos era possível fazer a colapsoterapia, a todos os outros desejávamos aplicar os sais de ouro, rejeitando aquêles — evidentemente — que os não tolerariam por um averiguado enfraquecimento das funções digestivas e renais, ou por qualquer outra circunstância. A todos — dissemos acima — porque, pelo que se sabe hoje, parece que à vontade e com regular proveito, muitas vezes, se pode e deve fazer crisoterapia, qualquer que seja a topografia das lesões, a idade do doente, a forma e idade da doença.

Três foram os preparados de ouro que usamos: a miocrisina, a crisalbina e, sobretudo, o solganal B oleoso. No seu emprêgo, seguiram-se naturalmente técnicas diferentes; mas, quanto à dose, com qualquer dêles não ultrapassamos, em geral, a de 0,20 por semana. E quanto a complicações, apenas contamos um caso de leve eczema, que se solucionou com facilidade.

Clínicamente, os doentes pertenciam às formas parenquimatosas, e eram, na sua maioria, casos fibro-caseosos e caseosos, todos de lesões bilaterais mais ou menos acentuadas.

Pêna foi que, sem dúvida por falta de recursos, a A. N. T. não tivesse sido, no ano que findou, suficientemente pródiga na distribuição dos preparados de ouro. Para tratamento tam caro, dinheiro não houve, certamente, em abundância. Em compensação, e infelizmente, doentes não faltaram, nem faltam, a quem fazê-lo. É triste que não tivesse sido manejado um pouco mais à vontade, tam excelentes foram, em geral, os resultados com êle obtidos. Num só doente vimos agravadas as lesões, consideravelmente melhoradas em todos os outros. Dêstes, dois houve a quem a auroterapia nos permitiu continuar com a colapsoterapia, em riscos de ser interrompida pela bilateralização lesional que, em dado momento, apresentaram. Por indisculpável desleixo ou coisa peor, não nos consentiram estes doentes, que de repente e inesperadamente abandonavam em dada altura o Dispensário, que por muito tempo os seguíssemos. A bôa impressão, porém, que de comêço êstes dois casos nos deixou, pela ajuda eficaz que os sais de ouro pareciam prestar em tam delicadas circunstâncias, aqui a salientamos, registrando-a.

Teòricamente, pelo pneumotorax sentíamos, e de muito longe, grande entusiasmo como o deveria merecer, de resto, um dos mais belos capítulos da terapêutica anti-tuberculosa. Isso, dantes. A nossa simpatia, porém, por tal processo de tratar, se em alguma coisa se modificou, agora, no decorrer da nossa pequena prática, foi para melhor, ainda. Hoje, como ontem, ou talvez mais que on-

tem, continuamos convencidos de que o pneumotorax é a ideal terapêutica da tuberculose pulmonar. O que neste campo nos foi possível fazer, e nas condições em que foi feito, é prova eloqüente — assim o entendemos — o que a propósito vamos escrever.

A convicção de quanto dissemos posta em prática e a nossa muita bôa vontade permitiram, quâsi sem qualquer ajuda das muitas necessárias, que se fizessem nestes primeiros meses do Dispensário, 129 insuflações.

Laboratorial e clinicamente com cuidado estudados, e com cuidado seguidos, os doentes que para a colapsoterapia escolhemos, sujeitam-se apenas a uma observação radioscópica, logo no comêço do tratamento, no Dispensário Distrital de Braga. A falta de recursos não permite que estes doentes, como conviria, passem de onde a onde pelo écran. E mesmo para aquela única viagem não são poucas as dificuldades a vencer, por vezes.

Se a nenhum dêstes doentes convém interromper tratamento iniciado, aos que vivem longe e em peores condições materiais temos procurado, uma vez por outra, subsidiar o meio de transporte, para tal fim havendo-se conseguido um donativo da Junta de Província do Minho. Bem sei que favorecer em alguns casos uma visita ao Dispensário Distrital e as que ao «nosso» se têm de fazer, é auxílio ainda muito pequeno. Percebe-se bem o que mais seria e é preciso em qualquer tratamento da tuberculose em geral, e em especial no tratamento de Carlo Forlanini, tantas e tam grandes são as suas exigências.

Enfim... faz-se com muita paciência e dedicação o que se pode, já que não é possível, com algum rigor, fazer o que se deve. A-pesar-de tudo, acidentes nunca se registaram. E' certo que, em alguns, espanta-me acidentes não ter havido. Tal é o caso, por exemplo, duma rapariga bastante pobre, mas também bastante alegre, que no dia

seguinte ao duma insuflação de pneumotorax foi de longada até à romaria, em Santa Eugénia, onde dançou e cantou pela tarde fóra...

Acidentes, pois, não houve. E como complicações, apenas dois casos de derrame pleural, que evoluem satisfatoriamente, e dois outros casos de bilateralização, a que já me referi ao falar, há pouco, na influência benéfica dos sais de ouro como auxiliar da colapsoterapia.

*

E eis aqui, no pouco que escrevemos, o que mais conviria dizer. Para terminar, uma outra vez salientamos, agora, o que será preciso num futuro próximo, como indispensável para uma maior e mais eficaz acção:

1.º — Mais pessoal: uma enfermeira-visitadora, pelo menos.

2.º — Dotar o Dispensário com um aparelho de Raios X.

3.º — Resolver o problema da hospitalização dos doentes.

4.º — Tornar possível a desinfecção de todos os domicílios, vãos pela saída dos doentes pulmonares.

*Dispensário Anti-tuberculoso de
Barcelos, Janeiro de 1938.*

==== 1938 ====

COMPOSTO E IMPRESSO

==== NA ====

TIPOGRAFIA MARINHO

==== BARCELOS ====

biblioteca
municipal
barcelos



65214

A.N.T.